

II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Decolonialidade a partir da perspectiva epistêmica de Walter Mignolo

Valdemir Luís dos Santos Hoffmann¹

valdemir.hoffmann@uniplaclages.edu.br

Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)

Rafael Tizatto dos Santos²

rafaeltizatto@uniplaclages.edu.br

Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)

Josilaine Antunes Pereira³

antunesjo@uniplaclages.edu.br

Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo dialogar com o conceito de decolonialidade a partir da perspectiva de Walter Mignolo (2003; 2007; 2010; 2017) e do grupo Modernidade/Colonialidade. Complementa a contribuição para esta pesquisa bibliográfica (GIL, 2008) o diálogo com os seguintes autores: Aníbal Quijano (2009); Boaventura de Sousa Santos (2007; 2009); Albert Memmi (2007); Maldonado-Torres (2008); Grégorie Garighan (2021); Catheline Walsh (2017); Rogério Haesbaert (2021) e Luciana Ballestrin (2013). O colonialismo teve como efeito a dominação direta e imediata das terras e povos no período da Expansão Marítima Europeia no século XV e XVI. África, Ásia e América Latina foram os continentes mantenedores da economia e da balança comercial positiva de países da Europa, como consequência resultante, o capitalismo tornou-se mundial a partir de então. Constata-se que os resultados trazem heranças deste período de dominação nos mais diversos âmbitos da contemporaneidade, na lógica da modernidade se justificou o domínio, a violência e a escravidão, entre outras formas de exploração. A condição de imperialidade europeia foi firmada e estabelecida sob o domínio das conquistas, a Modernidade e a Colonialidade estão entrelaçadas e seu poder se ampliaria para o controle da economia, da autoridade, da natureza e dos recursos naturais, estendendo-se ao controle da subjetividade e do conhecimento. A possibilidade de reversão destes paradigmas depende de desprender-se das heranças gestada pela epistemologia da modernidade eurocêntrica.

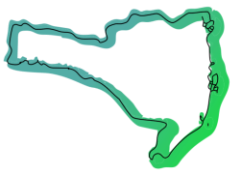
PALAVRAS-CHAVE: Decolonialidade. Colonialismo. Conscientização. Walter Mignolo. Grupo Modernidade e Colonialidade.

ABSTRACT

¹ Valdemir Luís dos Santos Hoffmann. Mestrando PPGE/UNIPLAC. Universidade do Planalto Catarinense. valdemir.hoffmann@uniplaclages.edu.br. Orcid 0000-0001-5179-0469 <http://lattes.cnpq.br/3002131285828573>.

² Rafael Tizatto dos Santos. Mestrando PPGE/UNIPLAC. Universidade do Planalto Catarinense. rafatizatto@uniplaclages.edu.br. Orcid 0000-0003-4833-9743. <http://lattes.cnpq.br/6523890488690927>.

³ Josilaine Antunes Pereira. Docente PPGE/UNIPLAC. Universidade do Planalto Catarinense. antunesjo@uniplaclages.edu.br. Orcid 0000-0002-9990-0919. <http://lattes.cnpq.br/6632644658092786>.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



This work aims to dialogue with the concept of decoloniality from the perspective of Walter D. Mignolo (2003; 2007; 2010; 2017) and the Modernity/Coloniality group. It complements the contribution to this bibliographical research (GIL, 2008) the dialogue with the following authors: Aníbal Quijano (2009); Boaventura de Sousa Santos (2007; 2009); Albert Memmi (2007); Maldonado-Torres (2008); Grégorie Garighan (2021); Catheline Walsh (2017); Rogério Haesbaert (2021) and Luciana Ballestrin (2013). Colonialism had the effect of direct and immediate domination of lands and peoples in the period of European Maritime Expansion in the 15th and 16th centuries. Africa, Asia and Latin America were the continents that maintained the economy and the positive trade balance of European countries, as a result, capitalism became global from then on. It appears that the results bring legacies from this period of domination in the most diverse areas of contemporary times, in the logic of modernity, domination, violence and slavery, among other forms of exploitation, were justified. The condition of European imperialism was established and established under the rule of conquests, Modernity and Coloniality are intertwined and its power would expand to control the economy, authority, nature and natural resources, extending to the control of subjectivity and knowledge. The possibility of reversing these paradigms depends on letting go of the legacies created by the epistemology of Eurocentric modernity.

KEY WORDS: Decoloniality. Colonialism. Awareness. Walter D. Mignolo. Modernity and Coloniality Group.

INTRODUÇÃO

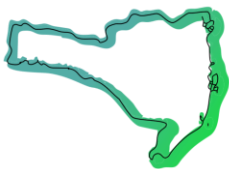
A ideia de decolonialidade centra-se na lógica de desprender-se do pensar em um único mundo possível, significa abrir-se a uma pluralidade de vozes e caminhos, é buscar pelo direito à diferença e uma outra possibilidade de ampliação e superação do paradigma dominante para o pensamento do outro e dos outros. Neste sentido, este trabalho tem por objetivo dialogar com o conceito de decolonialidade a partir da perspectiva de Walter D. Mignolo e do grupo Modernidade e Colonialidade.

É de conhecimento das ciências humanas os efeitos da dominação e colonização que ocorreram no território latino-americano em decorrência da tomada deste espaço desde o século XV e XVI: O colonialismo se fez presente com a sua face mais marcante: a violência e a escravidão; as epidemias e a morte; o espezinhamento, a humilhação e o desprezo pela vida do colonizado. Tais condições foram, e são em seus reflexos o que a Europa relegou ao chamado “Novo Mundo”. Se, por um lado, a Europa imaginou ter encontrado o paraíso a partir da chegada deste lado do Oceano Atlântico, por outro, para os povos que aqui habitavam foi a chegada do algoz, desde então a História nunca mais seria a mesma e a luta constante se estabeleceria. A colonialidade, portanto, emergiu da guerra, do genocídio e da conquista das Américas.

A composição estrutural deste trabalho apresenta-se a partir da sua construção metodológica, por meio de pesquisa bibliográfica, na sequência são apresentadas as análises e discussões com os autores citados acerca do tema proposto, ao fim, encerra-se com reflexões gerais por meio das considerações finais.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do tema e do objetivo proposto, a construção deste estudo viabiliza-se por meio de pesquisa bibliográfica com foco central em obras de Walter D. Mignolo (2003; 2007; 2010; 2017), ou referenciadas a ele, e sua compreensão acerca da colonialidade e decolonialidade, bem como as relações destas obras com a realidade contemporânea. O objetivo do trabalho visa dialogar com o conceito de decolonialidade a partir da perspectiva de Mignolo e do grupo Modernidade/Colonialidade. Complementa a contribuição para esta pesquisa o diálogo com textos dos seguintes autores: Aníbal Quijano (2009); Boaventura de Sousa Santos (2007; 2009); Albert Memmi (2007); Maldonado-Torres



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



(2008); Grégorie Garighan (2021); Catheline Walsh (2017); Rogério Haesbaert (2021) e Luciana Ballestrin (2013)

Portanto, além de se constituir em um estudo bibliográfico, caracteriza-se de uma pesquisa exploratória conceitual que “tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. (Gil, 2008, p. 27).

Desta forma, conforme Maldonado-Torres (2008), este trabalho visa dialogar e incitar o exercício do pensar levando a uma discussão reflexiva sobre nossos problemas contemporâneos e suas ligações com as formas de dominação e exploração praticadas pelo modo colonialista nos séculos anteriores, neste sentido, descolonizar se faz condição necessária enquanto uma alternativa de resistência e desconstrução de padrões impostos aos povos subalternizados, levando conseqüentemente a uma crítica à modernidade e ao capitalismo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A decolonialidade é um campo interdisciplinar que emergiu como uma resposta crítica ao legado do colonialismo e busca desconstruir as estruturas de poder, conhecimento e dominação que persistem até os dias atuais.

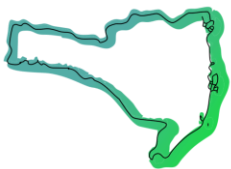
Diversos autores e teóricos contribuíram para o desenvolvimento desse campo, fornecendo análises e perspectivas fundamentais. Compreender a decolonialidade seja em Mignolo, Memmi, Quijano e/ou em tantos outros estudiosos do tema, significa focar na descolonização do conhecimento, tal condição nos convida a questionar o monopólio epistêmico do Norte Global⁴ e a abraçar a pluralidade de saberes presentes no Sul Global, enriquecendo assim nossa compreensão do mundo, além de sistematizar as diversas formas de luta dos movimentos sociais, reivindicações de classe, e sobre os povos desta região, pois estas, são questões prementes no território latino-americano.

Essa relevância, pode-se afirmar, tem raízes seculares na colonialidade do poder em relação à terra e seus recursos, sempre tão premente, tanto em termos de dominação – e também de extermínio e/ou escravização (do Outro, originário e/ou degredado) – quanto de exploração (em um extrativismo cuja predação é praticamente contínua desde o início da colonização). Em um espaço marcado por profunda exploração econômica, violência política, racismo e desigualdade social – com destaque para a concentração da terra –, diversos grupos subalternos, Estado e capitalistas desenham o tempo inteiro um complexo emaranhado de lutas no e pelo território. (Haesbaert, 2021, p. 132).

Mignolo (2007) enfatiza que o próprio conceito de “Novo Mundo” significa a evidência por parte dos europeus de uma tentativa de silenciar a história dos povos autóctones dos territórios conquistados, colocando a Europa como anterior a todos os outros continentes. “América nunca foi um continente que houvesse que descobrir e sim uma invenção forjada durante o processo da história colonial europeia e da consolidação e expansão das ideias e instituições ocidentais”. (Mignolo, 2007, p.28)

Sabemos, desde os primeiros anos escolares que, antes de 1492, a Europa cristã dividia o mundo em três continentes: Europa, África e Ásia. Nenhuma das civilizações pertencentes aos continentes que não fosse o europeu, neste período histórico da modernidade eurocêntrica, tentou expandir território e impor seu modo de vida, religião e cultura a outros. Isto coube somente a Europa cristã referenciando na própria bíblia uma justificativa de dominação para a tomada de tudo que não fosse cristão. Essa

⁴ “Sul Global” e “Norte Global” são conceitos utilizados por Boaventura de Sousa Santos para distinguir países centrais e periféricos do capitalismo, do “mundo moderno” e “Terceiro mundo” após a Segunda Guerra Mundial. (Santos, 2009).



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



cosmologia tomava por influência os escritos de Santo Agostinho como o relatado em seu livro *A Cidade de Deus* e a interpretação do mito do dilúvio no qual Noé divide o mundo entre seus filhos: *Cam* é o amaldiçoado, o herege, o filho que pecou contra o pai e teve seus descendentes condenados a serem servos de seus irmãos. *Sem* e *Jafé*, ao contrário, foram os filhos abençoados por Noé. A *Jafé* foi designada a benção do crescimento, do engrandecimento, a este caberia a Europa e reinaria, então, sobre os outros irmãos, ou seja, sob a Ásia, representando *Sem*, e a África, uma terra a ser livrada da maldição que coube a *Cam*. (Mignolo, 2007).

Sendo assim, após 1492, com a constatação de Américo Vespúcio, em 1507, a América – cujo nome foi homenagem a Vespúcio – surge como um quarto elemento após a configuração de um mapa mundial em que esta aparece como um novo continente. Gerardus Mercator, em 1542, e Abraham Ortelius, em 1575, mostram pela primeira vez o mapa no qual figura quatro continentes, conforme ilustrado abaixo na Figura 1.

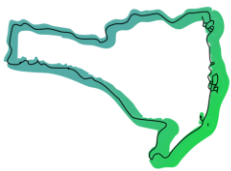
Figura 1: Mapa-múndi por Abraham Ortelius de 1575



Fonte: (Ortelius, 1575) - Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/artista/Abraham-Ortelius.html>. Acesso em: 05 ago. 2023.

Portanto, a América surge, a partir de uma visão de mundo eurocêntrica e particular, além de uma base específica firmada e estruturada na Europa cristã. Neste sentido, “não é possível compreender a ideia de América sem a existência de uma divisão tripartida do mundo anterior ao descobrimento/invenção do continente, com suas correspondentes conotações geopolíticas cristãs”. (Mignolo, 2007, p. 33).

Além disso a Europa da modernidade estava na entrada do capitalismo ocidental. Boaventura de Souza Santos defende que para cumprir tais objetivos de enriquecimento do capital europeu houve um colonialismo que perpassou e ultrapassou o plano político.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



A epistemologia ocidental dominante foi construída na base das necessidades de dominação colonial e assenta na ideia de um pensamento abissal. Este pensamento opera pela definição unilateral de linhas que dividem as experiências, os saberes e os atores sociais entre os que são úteis, inteligíveis e visíveis e os que são inúteis ou perigosos, ininteligíveis, objetos de supressão ou esquecimento. (Santos; Meneses, 2009, p. 13)

Para Santos (2009), tal pensamento ainda vigora hoje para muito além do colonialismo político. Para combate de tal forma de domínio propõe uma iniciativa epistemológica assentada na ecologia dos saberes e na tradução intercultural.

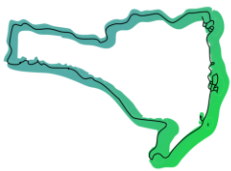
Na perspectiva das epistemologias abissais do Norte Global, o policiamento das fronteiras do conhecimento relevante é de longe mais decisivo do que as discussões sobre diferenças internas. Como consequência, um epistemicídio maçico tem vindo a decorrer nos últimos cinco séculos, e uma riqueza imensa de experiências cognitivas tem vindo a ser desperdiçada. Para recuperar algumas destas experiências, a ecologia dos saberes recorrer ao seu atributo pós-abissal mais característico, a tradução intercultural. Embebidas em diferentes culturas ocidentais e não-ocidentais, estas experiências não só usam linguagens diferentes, mas também distintas categorias, diferentes universos simbólicos e aspirações a uma vida melhor. (Santos, 2009, p. 52).

Quanto ao processo exploratório vivenciado historicamente neste território e o estabelecimento do padrão de dominação a partir da colonialidade e da modernidade, Aníbal Quijano (2009) argumenta que

a constituição da América Latina, no mesmo momento e no mesmo movimento históricos, o emergente poder capitalista torna-se mundial, os seus centros hegemônicos localizam-se nas zonas situadas sobre o Atlântico – que depois se identificarão com a Europa – e como eixos centrais do seu novo padrão de dominação estabelecem também a colonialidade e a modernidade. Em pouco tempo com a América Latina o capitalismo torna-se mundial, eurocentrado, e a colonialidade e modernidade instalam-se associadas como eixos constitutivos do seu específico padrão de poder até hoje. (Quijano, 2009, p. 73).

Em outras palavras, é a partir da América que a colonialidade toma forma e se corporifica se constituindo num padrão capitalista que abrange o mundo. Era uma Europa que estendia seus tentáculos. O centro do Velho Mundo que até o século XV tinha como principal via de ligação entre seus extremos o Mar Mediterrâneo se deslocara desde então para o Oceano Atlântico e o Pacífico. O mar Tenebroso havia sido desbravado e a circunavegação seria uma realidade não só de intercâmbios comerciais, mas de todas as formas de dominação que os povos autóctones dos territórios conquistados presenciaram e ainda sentem seus reflexos históricos.

Pensar a decolonialidade em qualquer lugar do planeta é um desafio e isto não seria diferente em se tratando de América Latina. Neste sentido, emerge o Grupo Modernidade e Colonialidade (M/C), fundado em inspiração ao Grupo de Estudos Subalternos que por sua vez foi determinante para o estudo do pós-colonialismo na Ásia. O grupo M/C centraria suas pesquisas tendo como recorte espacial a América. Houve a percepção que para se entender a história da América Latina seria necessário a criação de categorias próprias de análise, isto porque, para os pesquisadores, já havia uma colonialidade do poder. Segundo Mignolo (2003), havia uma estruturação de formas de modernidade/colonialidade que servem de base para o sistema no mundo capitalista. Era preciso pesquisar, portanto, como a colonialidade do poder fez controle em todas as dimensões: econômico, social, pessoal, natural etc.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



A proposta principal do grupo liga-se à palavra descolonização, que logo adiante perde a letra “S” e passa a ser conhecida como decolonialidade⁵ (Walsh, 2017). Deste grupo faz parte o semiologista Walter Mignolo, argentino, professor da Duke University nos Estados Unidos. Mignolo foi um dos principais intelectuais latino-americanos a criticar a formação do Grupo de Estudos Subalternos, pois o grupo parecia importar as perspectivas de outras regiões e não produziam um pensamento localizado para refletir sobre as questões próprias da América Latina. (Ballestrin, 2013).

Walter Mignolo defende a ideia de que o latino-americano não conseguiu incorporar e representar as outras identidades continentais originárias que estiveram aqui. Segundo o autor, o nome América Latina é consequência da colonialidade do saber. “A partir da segunda metade do século XIX, quando se inventa o nome América Latina, esta já está cativa do vocabulário e da retórica da modernidade, ou seja, do autorrelato civilizatório e salvacionista”. (Mignolo, 2017, p. 13).

Corroborando e questionando a nomenclatura América Latina, Rogério Haesbaert (2021), geógrafo, afirma que

uma das omissões mais sérias quando do uso dessa denominação é em relação à “Afro-América. [...] Esse ato de renomear o continente é, sem dúvida, uma das tentativas de combate à “violência epistêmica” sofrida por esses grupos durante todo o processo de colonização e que [...] perdura hoje em distintas formas de colonialidade. (Haesbaert, 2021, p. 71).

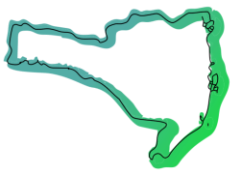
O autor ainda reforça questões relacionadas a configuração da identidade neste continente e a apropriação do termo “americano” pelos Estados Unidos da América⁶.

Devemos iniciar pelo amplo debate sobre uma identidade latino-americano, sabidamente um tema muito explorado e complexo. Priorizemos, então, a dimensão mais estritamente geográfica. [...] pela designação “América”, carregada de colonialismo desde sua proposição, no século XVI, a partir do explorador, mercador e “geógrafo” Américo Vespúcio, e termo hoje “confiscado” pelo seu Estado hegemônico, os Estados Unidos. [...] Mesmo dentro dessa característica colonial de amplo espectro, ignora-se a imensa diversidade cultural que agregou àquela já previamente existente dos povos originários, os africanos escravizados e os orientais de diversas origens (indianos no Caribe e Guiana, japoneses e chineses no Peru e Brasil etc), sem falar de outros grupos europeus colonizadores, latinos ou não, como franceses, ingleses, holandeses e dinamarqueses. (Haesbaert, 2021, p. 64).

Retomando as questões de carácter histórico, observa-se que na lógica da modernidade se justificou o domínio, a violência, a escravidão e demais formas de opressão. Assim, a partir dos movimentos de independência na América Latina questões importantes para o continente vieram à tona, estas, até hoje não resolvidas: independência, libertação, soberania, anticolonialismo, anti-imperialismo, questões de identidade, entre outras. Muitas destas já apareciam nos escritos e nas falas dos primeiros libertadores da América como José de San Martín, Simón Bolívar, José Gervasio Artigas e outros, porém, são questões que perpassam o tempo e chegam a nossos dias. Para Mignolo (2017) a superação destes paradigmas exige o que ele chama de “pensamento fronteiro”.

⁵ Sugestão feita por Catherine Walsh para a utilização da expressão “descolonização” – com ou sem hífen – e não “descolonização”. A supressão da letra “S” marcaria a distinção entre o projeto decolonial do Grupo Modernidade/Colonialidade e a ideia histórica de descolonização, via libertação nacional durante a Guerra Fria.

⁶ Esta questão também é argumentada por Aníbal Quijano, o autor argumenta que “a apropriação do nome América pelos Estados Unidos da América do Norte originou uma grande confusão que obriga a recordar que originalmente o nome correspondia exclusivamente aos domínios ibéricos neste continente, que iam desde a Terra do Fogo até mais ou menos sudoeste do actual território dos Estados Unidos” (Quijano, 2009, p. 73).



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Nós, anthropos, que habitamos e pensamos nas fronteiras, estamos no caminho e em processo de desprendimento e para nos desprender precisamos ser epistemologicamente desobedientes [...]. Em outras palavras o pensamento fronteiriço é a condição necessária para pensar descolonialmente. E quando nós, anthropos, escrevemos em línguas ocidentais modernas e imperiais (espanhol, inglês, francês, alemão, português ou italiano), o fazemos com nossos corpos na fronteira. (Mignolo, 2017, p. 20).

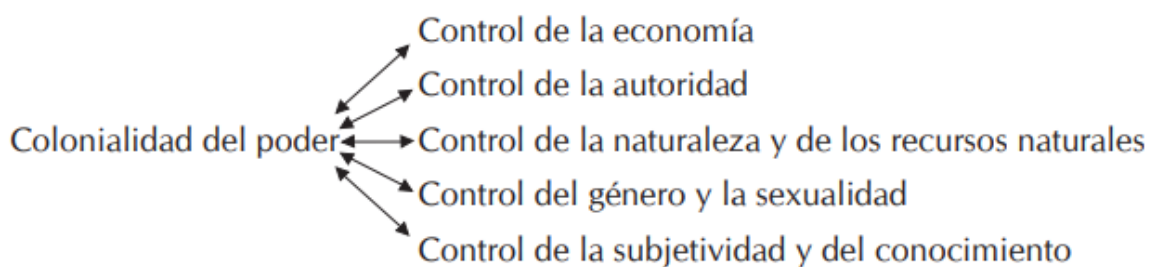
Assim, o “pensamento fronteiriço”, conduzente da opção decolonial está “se convertendo em uma forma de ser, pensar e fazer da sociedade política global. Esta se define em seus processos de pensar e fazer decolonialmente”. (Mignolo, 2017, p. 29). Desta forma, esta epistemologia reforça propósitos do pensar e agir além das imposições ocidentais e coloniais. O autor afirma que:

A decolonialidade requer desobediência epistêmica, nos espaços e tempos que a autonarrativa da modernidade inventou como seu exterior para legitimar sua própria lógica de colonialidade. Pois bem, a descolonialidade não é um projeto que tenha por objetivo impor como um novo universal abstrato que substitua e “melhor” a reocidentalização e a desocidentalização. É uma terceira força que, por uma parte, se desprende de ambos projetos; e por outra, reclama seu papel na hora de construir futuros que não podem ser abandonados, nem nas mãos da reocidentalização, nem nos desenhos desocidentalizadores. (Mignolo, 2017, p. 30).

Portanto, a desobediência citada por Mignolo não se relaciona a uma tentativa de neutralidade por parte do pesquisador, mas a tentativa de se desprender das heranças da modernidade gestada pela epistemologia da modernidade eurocêntrica.

O conceito de colonialidade pode ser estendido para outros âmbitos. Assim, Mignolo (2010, p. 12) sugere que a matriz colonial do poder “é uma estrutura complexa de níveis entrelaçados”. Desta forma a colonialidade do poder se ampliaria para: o controle da economia, controle da autoridade, controle da natureza e dos recursos naturais, controle do gênero e da sexualidade, controle da subjetividade e do conhecimento. Este entrelace entre o controle do poder da colonialidade em diversos âmbitos é demonstrado de forma ilustrativo por Mignolo (2010), conforme a Figura 2.

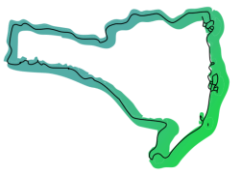
Figura 2: Colonialidade do poder



Fonte: (Mignolo, 2010, p. 12)

A Modernidade e a Colonialidade – palavras que deram nome ao Grupo – são elementos constitutivos de uma mesma matriz, “a colonialidade é o lado obscuro e necessário da modernidade; é a sua parte indissociavelmente constitutiva”. (Mignolo, 2003, p. 30). Houve, portanto, uma colonização que foi além do poder, perpassando a colonialidade do saber e o ser. Isto se explica pela condição imperial a qual foi empreendida a conquista ocidental.

Para Ballestrin (2013, p. 108), o processo reflexivo de decolonização não deve ser confundido com rejeição da “criação humana realizada pelo Norte Global e associado com aquilo que seria genuinamente criado no Sul. [...] pode ser lido como um contraponto e resposta à tendência histórica da



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



divisão do trabalho no âmbito das ciências sociais”. Para esta autora, o grupo Modernidade/Colonialidade contribuiu para o pensamento decolonial a partir das tentativas de marcar uma narrativa que tenta compreender a América Latina como continente fundacional do colonialismo; do reconhecimento da América Latina como laboratório para o racismo; do reconhecimento da diferença colonial; da verificação da estrutura historicamente opressora da colonialidade; e do fornecimento de novos horizontes a fim da libertação humana e produção de conhecimento. Todavia, a discussão sobre o Brasil não povoa o imaginário pós-colonial e decolonial do grupo. (Ballestrin, 2013).

Albert Memmi (2007), em sua obra “Retrato do Colonizador precedido de Retrato do Colonizado” enfatiza os efeitos psicológicos do colonialismo. O autor mostra os pormenores e as consequências resultantes das formas de colonização a que povos de territórios foram submetidos e como essas influenciaram nos mais diversos modos de ver, interpretar, se comportar e reafirmar pensamentos e vivências

Pouco importa ao colonizador o que o colonizado verdadeiramente é. Longe de querer apreender o colonizado em sua realidade, ele se preocupa em fazê-lo sofrer essa indispensável transformação. E o mecanismo dessa remodelagem do colonizado é por si próprio esclarecedor. Ele consiste primeiramente em uma série de negações. O colonizado *não* é isto, *não* é aquilo. Jamais é considerado positivamente; se o é, a qualidade concedida está ligada a uma *falta* psicológica ou ética. (Memmi, 2007, p. 122).

Assim, afirma-se que a “colonialidade” é desvelada pela dimensão imperial ocidental dos últimos 500 anos, “é a colonialidade do conhecimento e do ser o que se esconde por trás da celebração de rupturas epistêmicas e de mudanças paradigmáticas”. (Mignolo, 2017, p. 24).

Estes são apenas alguns autores que nos ajudam no exercício de um pensar decolonial. Desta forma, tal estudo buscou explicar através de uma visão dialética a condição contemporânea da América Latina em termos de construção histórica, dos processos de desigualdade, racismo, preconceitos e exploração. Espera-se que ao final deste estudo o conceito de decolonialidade torne-se mais presente, enfatizando a necessidade da decolonização de um pensamento permeado a todo instante pelo eurocentrismo.

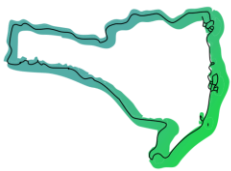
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a ideia de decolonialidade, tanto em Mignolo, quanto outros estudiosos do Grupo M/C tem o objetivo principal de elucidar o debate e preencher lacunas geradas por um processo de dominação que relegou e apagou identidades, memórias, vivências, saberes ancestrais e epistêmicos. A palavra epistemicídio (Garighan, 2021) não é exagero, muitos foram os saberes que jamais renascerão. Restabelecer integralmente será impossível, porém a tarefa de não deixar cair no esquecimento advindos das dominações, as quais este outro lado do Atlântico foi submetido, é dever de todas as ciências e as Humanas estão entre as principais. É necessário debruçar-se sobre o estudo da decolonialidade e assim compreender por outra ótica as continuidades e rupturas com as quais convivemos e sofremos seus efeitos ainda hoje.

A decolonialidade nos convida a questionar o monopólio epistêmico do Norte Global e a abraçar a pluralidade de saberes presentes no Sul Global, enriquecendo assim nossa compreensão do/de mundo.

Através do diálogo, da interseção entre as ideias e dos estudos acerca da decolonialidade se torna possível uma perspectiva plural, transformadora e desafiadora. Ela visa desmantelar as estruturas de poder que se originaram durante o período colonial e ainda estão presentes em nossas instituições, relações sociais e construções de/do conhecimento. Além disso, a decolonialidade busca promover a justiça social, a igualdade, o reconhecimento das diferenças e a valorização das diversas culturas e identidades presentes no mundo contemporâneo.

A busca pela decolonialidade não é um caminho fácil, pois requer uma desafiadora desconstrução de preconceitos arraigados e a construção de novas formas de convivência e cooperação



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



global. No entanto, é uma jornada essencial para o alcance de um presente e futuro mais inclusivo, onde as vozes subalternizadas sejam ouvidas e as hierarquias impostas pela colonialidade sejam ao menos parcialmente superadas. Através do diálogo e do compromisso com a mudança, a decolonialidade oferece um caminho para a reconstrução de uma sociedade mais justa, respeitosa e verdadeiramente emancipada.

Nessa busca por uma transformação profunda, desconstruir as hierarquias e desigualdades que permeiam nossas instituições e nossas mentalidades se faz condição necessária. Ao romper com o colonialismo/colonialidade interna, somos desafiados a reconstruir narrativas e práticas mais justas, inclusivas e equitativas. A decolonialidade exige persistência visto que encontraremos resistência e obstáculos ao longo do percurso. No entanto, reafirmamos nosso compromisso com a construção de um mundo onde a diversidade seja celebrada e onde as histórias sejam contadas a partir de múltiplas perspectivas.

Decolonizar é preciso!

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, [S.L.], n. 11, p. 89-117, ago. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-33522013000200004>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

GARIGHAN, Grégorie. **Epistemicídio e o apagamento estrutural do conhecimento africano**. 2021. UFRG. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/epistemicidio-e-o-apagamento-estrutural-do-conhecimento-africano/>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”**. Niterói: Clasco, 2021. Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade I. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S.L.], n. 80, p. 71-114, 1 mar. 2008. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/rccs.695>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

MIGNOLO, Walter. **Historias locales/disenos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Akal, 2003.

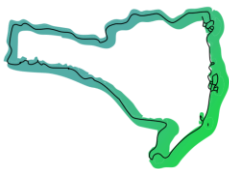
_____. **La idea de América Latina: La herida colonial y la opción decolonial**, Gedisa, Barcelona, 2007.

_____. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Argentina: Ediciones del Signo, 2010.

_____. **Desafios decoloniais hoje**. 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645/2646>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 192p.

ORTELIUS, Abraham. Mapa-múndi por Abraham Ortelius de 1575. 1575. Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/artista/Abraham-Ortelius.html>. Acesso em: 05 ago. 2023.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. Cap. 2. p. 73-117.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos - Cebrap**, [S.L.], n. 79, p. 71-94, nov. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-33002007000300004>. Acesso em: 27 maio de 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. Cap. 1. p. 9-71.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales**: práticas insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir. Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Equador, 2017.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio financeiro do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina – UNIEDU/FUMDES. O referido apoio é substancial para a realização deste estudo.